

RUINAS DE BALBECK.

Entre Damasco e Tripoli da Syria, no valle do Libano, chamado El-Bequa (outr'ora *Coelesyria*) erguem-se as ruinas de Heliopolis, ou Balbeck, como hoje lhe chamam. Em parte alguma do mundo se encontram tão altos testemunhos da perfeição a que se elevaram certas artes na antiguidade.

Quem contempla os restos gigantes d'esta cidade famosa, por entre os quaes como que estão encovadas as habitações miseraveis e mesquinhas de alguns pobres arabes, recua espavorido, curva-se humilhado perante a magnitude, o arrojo, e a maravilhosa execução de tantos objectos que de todos os lados se lhe ostentam á vista. Os grandes meios que a industria actualmente possui quasi parecem insufficientes para crear os prodigios que a arte antiga semeou com profusão no vasto recinto da velha cidade.

A origem de tantos monumentos como os de que existem em Balbeck as ruinas, e taes como o templo do Sol, representado na gravura, obra unica porventura no seu genero, está envolta nas mais profundas trevas. Espanta encontrar-se raras vezes nos historiadores o nome de uma cidade que devia de ser muito importante para conter tão preciosos edificios. A tradição popular attribue a sua construcção a Salomão. Mas segundo os auctores romanos elles remontam sómente á epocha de Antonino o pio. João de

Antioquia refere que este imperador mandára edificar na cidade de Heliopolis, perto do monte Libano, um templo, que passava por ser uma das maravilhas do mundo. Estas palavras do historiador referem-se sem duvida ao templo de Jupiter que ainda resta de pé. A respeito porém dos outros monumentos nenhuma noticia tem sido possível obter.

Concluiremos, extractando de uma relação modernissima as palavras com que um viajante resume as suas impressões:

«N'este bello clima as noutes são quasi tão claras como o dia. Semilhante a um véu de transparente nebrina o crepusculo abate-se sobre a campina, ao pôr do sol. A lua ergue-se então serena n'um horizonte limpido. É esta a occasião mais favoravel para contemplar as ruinas, de certa distancia. N'esta meia luz vaporosa desaparecem os vestigios das mutilações obradas pela mão dos homens e pela acção do tempo. A pequena collina povoada de templos surge resplandecente no seio da noute: os raios da lua e os movimentos das sombras animam as columnas, e lhes restituem mocidade e formosura. Em tórno é tudo silencio; e a alma, solta de todo o pensamento estranho, póde esquecer por momentos a miseria da moderna Balbeck, para phantasiar todos os esplendores de Heliopolis.»

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALGUM MIGNON.

1728 — 1770.

V.

As injustiças da fortuna, sempre deshumana com elle, nunca lhe perturbaram o espirito.

Assim como dissimulava os agravos proprios, e encobria os defeitos alheios com bondade, do mesmo modo tolerava sem queixume as ingratidões da sorte.

Incapaz de ciúme, ou de paixão rasteira, embora visse passar orgulhosos e premiados os que lhe eram inferiores, nunca os labios se lhe abriram para o estranhar. A inveja não achava guarida no seu coração.

Quando algum se offendia, com motivo, de que as recompensas só pertencessem a homens obscuros, e ás vezes pouco dignos, em quanto o cego poder que as repartia, deixava sem estímulo, e quasi sem abrigo talentos merecedores de todas as distincções, sorrindo-se com summa tranquillidade replicava: «Satisfaço-me com pouco; e sou feliz, porque não tenho ambição, nem espero nada. Em todas as occasiões, em que me luziu alguma illusão de melhorar, não tardou que me saísse logo vã.»

E era assim.

Promovido ao arcebispado de Braga o sr. D. Gaspar, intentou o vate refugiar-se á sombra do seu amparo, a ver se enganava a sua constante adversidade.

O principe correspondia ao sangue real, que lhe girava nas veias, e ainda hoje duram entre os velhos as memorias do seu fausto e munificencia.

Amigo e protector das letras, fazendo certa ostentação de estimar e remunerar os bons engenhos, a sua casa nunca se fechou aos pouco ditos, que o imploravam.

Tudo mostrava, pois, risonha face aos desejos do poeta. Informado das suas qualidades e das suas prendas, D. Gaspar inclinava-se a recebê-lo; e já os mais íntimos do Quita lhe davam os parabens, e elle os aceitava menos receioso, quando a desgraça acudiu repentinamente, e desmentiu de uma vez as mais fundadas esperanças.

Um falso devoto, d'esses que disfarçam a perversidade com as exterioridades de mentirosa austeridade, para não perderem o lanço de molestar, abusando da indole facil do prelado, e dos seus escrúpulos, capacitou-o de que se admittisse a Domingos dos Reis entre os seus familiares, arriscaria sua alteza o seu socego a dissabores, causados pela conhecida viveza do poeta.

Os ouvidos do credulo principe deram entrada ás malevolas suggestões, e depois de meio concedido, foi retirado o favor sob pretextos especiosos!

É de crer que a alma do infeliz, a quem se frustrava uma doce illusão, padecesse cruelmente; mas se foi intensa, e profunda a sua magua, consumiu-a consigo, e sempre que lhe caía a propositio a occasião de fallar do arcebispo, não se lhe ouviam senão palavras de sincero respeito e obsequio, venerando as virtudes, e esquecendo o agravo.

Consagrando-lhe em 1770 aquelle delicado idyllio, que principia:

-Celebramos cantando rude avena
O grão pastor do Cavado frondoso.

deu a ultima prova da sua generosidade.

Diz-se, que o arcebispo, lendo os louvores do Quita, manifestára signaes de arrependimento. Entretanto este sentimento, se existiu, foi tão esteril como a protecção, com que lhe tinham acenado em seu nome. D. Gaspar olvidou depressa a pobreza e o merito do cantor no meio das pompas das suas festas religiosas, e da alegria dos seus banquetes e caçadas.

Outro poderoso, omnipotente no governo, porque era o verdadeiro rei, o conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, nunca passou de sorrisos em favor do Quita. Avaliava-lhe o talento, prezava-o, e promettia despachal-o; mas os dias e os annos correram em vão, e os projectos do Mecenas ficaram em palavras. Debalde repetia Domingos dos Reis os seus mimos poeticos, exaltando irmãos e filhos do ministro valido; este nunca achou emprego, nem occasião para o attender. O Diniz foi mais ditoso. A ira do bispo d'Elvas, e a scena comica, a que ella deu logar, renderam-lhe mais com o *Hyssope*, do que os seus arrebataados vãos lyricos. Por mais, que solemnisasse em idyllios, odes, e sonetos os feitos illustres do marquez, e por mais desvalido e necessitado, que se pintasse a si mesmo, clamava a surdos, e o dia de o libertarem da indigencia nunca raiou.

Sebastião José de Carvalho nunca teve uma hora disponivel para contentar a modesta supplica de um engenho honrado e desambicioso. Entretinha-se tanto com os fidalgos, com os jesuitas, e com as famosas companhias do Brazil!...

O que os principes e os estadistas não fizeram, devendo-o aos brios da nação, e ao respeito da propria fama, praticou-o a caridade de uma senhora, mais digna do que elles de entender e consolar as tribulações de uma afflicta e elevada alma.

O terramoto de 1755, assolando a capital, deixou o Quita sem casa, sem vestidos, e sem nenhum abrigo. O seu unico amparo, o seu conforto era a viva fé, que punha em Deus; e a esperanza, com que o chamava. Foi ouvido. Faltando-lhe tudo, não precisou de cousa alguma. O excesso dos seus males, e o spectaculo da sua pobreza commoveram o animo generoso de D. Thereza Aboim, e proporcionaram-lhe n'ella o protector, que buscára inutilmente por salas e paços tantos annos.

Desde então, nunca mais experimentou precisões, nem se viu obrigado a chorar, a occultas, as acerbas estreitezas da miseria. O menor appetite, que lhe adivinhassem, era promptamente satisfeito.

Mas o desgraçado, mesmo no vigor dos annos, media já o caminho do sepulchro. A compleição delicada, e a saude melindrosa, que as privações nobremente supportadas tinham deteriorado muito, tornaram-no propenso a uma molestia, para que não ha salvação possivel.

Deu-lhe a morte o primeiro rebate em 1761; assaltando-o, acompanhada de todos os symptomas e padecimentos da phthisica pulmonar, parecia adiantar-se tão rapida, que receiaram ao principio, que n'este primeiro ataque acabassem as forças do enfermo, baldados os esforços da sciencia, e os cuidados da amizade.

Em trance tão triste apurou-se a bondade de D. Thereza, exaltando-se a ponto de dever inculcar-se para modelo ás mais virtuosas.

Compadecida, velou as noutes á cabeceira do moribundo, administrando-lhe os remedios, alentando-lhe os espiritos, e quasi que reanimando-o á custa de affabilidades e disvelos.

Seu marido, o doutor Balthasar Tara, não menos

caritativo, e medico habil, luctava ao mesmo passo com a doença, repellindo-a nas suas traições, e disputando-lhe com a energia de todos os poderes da alma e do saber a vida do amigo, que no meio da consternação geral quasi se mostrava indifferente á existencia, e inteiramente desapegado das illusões e vaidades mundanas.

Finalmente, e quasi por milagre, a enfermidade recuou depois de um anno de combate; mas aos olhos experimentados do facultativo, por se afastar um pouco, não cessára o perigo. Havia uma tregua, e não uma cura completa. Cedo ou tarde, tinha de voltar a morte em busca da victima, que lhe ficára designada. O que a sciencia e a affeição reunidas podiam conseguir era retardar esse momento. E obtiveram-o!

Os ataques repetiram-se, e em 1767 tornou a temer-se, que o golpe mortal não viesse longe.

A molestia latente consumia-lhe o vigor, abrindo facil accessão a novas e contínuas affecções. A mesma paciencia inalteravel, o mesmo zêlo cordial, da parte de D. Thereza, e de seu esposo, ainda uma vez salvaram a vida ao poeta, que se desfazia em extremos para retribuir a estranhos tão íntimos e solícitos, os cuidados que só no seio da familia se alcançam, quando a ternura inspira a vigilancia, fazendo suaves as maiores fadigas.

Quasi resuscitado, Domingos dos Reis deveu abaixo de Deus os dias, que depois contou á sabedoria do facultativo, e aos disvelos da enfermeira.

Este affecto desinteressado, filho de corações sinceros, vingou-o da injustiça do mundo; e nas occasiões da maior afflicção, deu-lhe, o que só elle possui, a serenidade, e as consolações do mais provado carinho. No idyllio, intitulado a *Amizade*, o Quita avivou os sentimentos, que a memoria de tamanhas obrigações sempre grava nos peitos bem formados, consagrando, affectuoso e agradecido, os nomes dos protectores, que a grande experiencia da adversidade lhe mostrára mais amoraveis, se é possível, do que o sangue da sua alma, encontrando n'elles mais do que irmãos, amigos!

No interior domestico, as suas virtudes correspondiam ás qualidades do espirito. Terno e dedicado, os respeitos e sacrificios para collocar sua mãe fóra do alcance das precisões, que tantas vezes o cortaram a elle, provam bem até aonde chegavam a sua confiança na Providencia, e a vehemencia do seu amor filial.

Cheia de annos, e carregada de achaques, a desamparada viuva, arrastava as suas maguas debaixo do tecto hospitaleiro de seu genro Antonio José Cota, ao qual sobravam os desejos, mas escaceavam os meios para a rodear dos cuidados, que exige imperiosamente uma velhice melindrosa.

Domingos dos Reis, por alliviar o cunhado, e ao mesmo tempo para assistir a sua mãe enferma com os carinhos, que mais dilatam a vida n'aquellas idades, do que os curativos esmerados, resolveu tomar casa propria separando-se dos beneficos protectores, que sentiram, e recusavam admittir a ausencia. Vendendo-o decidido, e conhecendo que lhe faltavam as posses para a empreza, um amigo do poeta representou-lhe o perigo, e aconselhou-o a desistir. Quita sorriu-se, e respondeu: «A Providencia é a minha esperanza, e n'ella me fundo. Não assiste a todas as creaturas de Deus, andando com os animaes, voando com os passaros, nadando com os peixes, correndo com os rios, luzindo com as estrellas, e vegetando com as plantas? O mesmo poder, que os favorece, me ha de valer a mim.» E de feito assim suc-

cedeu. Nada lhes faltou a ambos até elle fechar os olhos! O prazo é que foi curto.

A 13 de julho de 1770 foi morar para as casas novas, e quarenta dias depois, em 22 de agosto, amanheceu com a doença, que o havia de levar, e da qual logo desconfiou o doutor Tara. Acudindo, sem demora, e vendo que o amigo peiorava, trouxe-o para casa no dia seguinte, meio desenganado já da inutilidade dos remedios.

Como o perigo crescia a cada instante, e os signaes de morte se apresentavam cada vez mais pronunciados, decidiu-se o medico a declarar-lhe o verdadeiro estado, procurando minorar-lhe o terror com a segurança das palavras. Longe de soçobrar, o espirito do poeta elevou-se!

Ouviu a noticia com socegado semblante, testemunho da serenidade da alma, e agradecendo-a, pediu immediatamente os soccorros spirituaes, conforto certo da jornada, dando a si proprio os parabens de estar por pouco a pena do seu desterro e captiveiro.

Foram-lhe administrados os sacramentos, edificando-se os circumstantes com a devoção e conformidade do moribundo, cujas faculdades, superiores ás ancias da molestia, velaram n'aquelle consumido corpo, até a alma voar com o ultimo suspiro.

O luto da perda proxima cobria o rosto dos amigos, e as lagrimas rebentavam-lhes insoffridas pelos olhos. Só elle, constricto e firme, consolava a todos com phrases carinhosas, exultando com o alvoroço de se desligar do mundo, e descansar por fim dos seus trabalhos.

A voz e a vista sumiram-se-lhe com os derradeiros alentos, e no mesmo dia 26 de agosto, em que recebera os sacramentos, rendeu o espirito ao Creador, pelas quatro horas da tarde, sem dor, nem agonia sensivel, na idade de quarenta e dous annos e sete mezes.

Pousando-lhe, a morte não o desfigurou. Caiu, um como doce véu de somno sobre as suas feições, conservando-lhes o aprazivel aspecto, de que as animava a fermosa alma, que acabava de subir aos pés do throno de Deus.

A tristeza dos amigos, que tinham lidado tanto para lhe alongar os dias, os prantos da desditosa mãe cujos cabellos brancos vinha ensanquentar esta segunda corôa de espinhos, e os sinceros pezares dos amadores das letras, formaram o cortejo de maguas e saudade, que mereciam as suas virtudes.

Sepultado sem pompa, mas com decencia, a boa memoria do seu talento e qualidades é o epitaphio que lhe resta. Desattendido dos poderosos, mimoso dos engenhos distinctos da epocha, e geralmente prezado pelo seu character, Domingos dos Reis Quita, rompeu e encerrou a sua carreira sem perder da vista uma só vez nem os deveres do coração, ou as obrigações, impostas pela arte aos que a estimam.

Levantando-se da mais humilde condição a poder de fadigas e sacrificios, e maltratado constantemente pela má fortuna, teve sempre a primeira na lembrança para ser modesto, e a segunda debaixo dos pés com invencivel inteireza do animo.

No seu peito o thesouro de nobreza moral era tamanho, que lhe sobrava para enriquecer os invejosos e soberbos, que imaginavam abatel-o, recordando a obscuridade, d'onde se levantára.

O que é feito d'elles, das suas jerarchias, e das suas opulencias? Apagaram-se como illusões que eram no pó do sepulchro. Mas do poeta ainda sobrevive e permanece tudo o que a immortalidade respeita, e a admiração consagra.

Esse pobre cabelleiro, alvo dos motejos e desprezos dos peões fidalgos, que não possuíam mais illustração, que a das certidões dos seus baptismos, vingou-se d'elles, negando-lhes mesmo a triste honra de se eternisarem nos versos vehementes de uma satyra. Entregou-os a si proprios; e em quanto o seu nome atravessa as idades, o d'elles mergulha no esquecimento!

Passemos agora ao exame crítico das obras.

(Continúa).

L. A. REBELLO DA SILVA.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

IX.

Assim que se apresentou ao parlamento britannico essa importante correspondencia, de que extractei as principaes passagens, ficou explicada a politica do gabinete inglez, e plenamente justificada das variadas accusações, que se lhe faziam ácerca da sua falta de acção na presença de successos que tanto pareciam reclamar-a.

Sabendo oficialmente os planos da Russia sobre a Turquia, e antevendo por conseguinte o fim a que se dirigiam as exigencias russianas, o gabinete britannico não queria, sem duvida, apressar os acontecimentos, nem ingerir-se precipitadamente na questão, de modo que se pudesse suppôr que elle aggravava as difficuldades por imprudencia, ou por interesses particulares.

Se não era possivel afastar a lucta, que se preparava, convinha muito aos ministros da Grã-Bretanha não só esquivarem-se a uma tão grande responsabilidade, mas tambem, e principalmente, deixar a França pronunciar-se, e assim por seu livre alvedrio encaminhar-se para a alliança ingleza, e ao mesmo tempo dar logar a formar-se e manifestar-se em Inglaterra a opinião publica, a fim de que o governo, parecendo obrar por seu impulso, adquirisse a necessaria força moral para requerer ao paiz os sacrificios, que uma guerra de tanta magnitude forçosamente havia de exigir.

Foi provavelmente em resultado d'esta politica, que o embaixador inglez junto da Sublime Porta se achava com licença em Inglaterra na occasião da chegada do principe Menschikoff a Constantinopla, e durante a maior parte do curso das negociações, que ali dirigiu. Foi, a meu ver, pelo mesmo motivo, que o governo inglez deixou á França a iniciativa em enviar forças navaes para as visinhanças dos mares da Turquia, ordenando ao seu almirante que se conservasse em Malta, em quanto que a esquadra franceza navegava no rumo do archipelago grego.

Pouco tardou porém que as duas esquadras recibessem ordem de ir lançar ferro na bahia de Besika, á entrada do estreito dos Dardanellos. Era esta uma medida de precaução de urgente necessidade á vista dos preparativos navaes, que se faziam em Sebastopol com incrível actividade, e da grande accumulção de tropas russianas sobre as fronteiras dos principados danubianos.

A este tempo as intenções da Russia não eram só conhecidas pela correspondencia acima alludida. A nota do conde de Nesselrode a Reschid pachá, immediata á saída do principe Menschikoff de Constantinopla, era tão explicita ácerca da firme resolu-

ção em que se achava o imperador Nicolau de mandar occupar os principados, que não podia haver duvida, nem sobre o resultado de taes armamentos, nem sobre a propinquidade da sua intervenção. Todavia o gabinete de S. Petersburgo, ordenando aos seus exercitos que atravessassem o Pruth, e occupassem os principados, apresentou como razão d'este passo a chegada das esquadras ingleza e franceza á bahia de Besika.

A invasão dos principados (3 de julho) deu logar a uma correspondencia diplomatica bastantemente energica e animada entre os gabinetes de S. Petersburgo, de París e de Londres, na qual o primeiro d'estes tratou sempre de justificar aquella aggressão com o fundamento de que a presença das esquadras das duas potencias occidentaes junto á entrada dos Dardanellos era uma quebra dos tratados, e uma ameaça feita á Russia. Nas notas e circulares dos governos francez e inglez demonstrava-se que nenhum tratado se oppunha á estada das duas esquadras na bahia de Besika, cujas aguas eram tão livres como as de qualquer ancoradouro do Mediterraneo, em quanto que tratados especiaes vedavam aos russos a entrada nos principados sem o consentimento do sultão. Além d'isto, recordando que a nota em que o conde de Nesselrode dizia a Reschid pachá «que dentro de poucos semanas receberiam ordem as tropas russianas de atravessar a fronteira do imperio,» tinha a data de 31 de maio, e que a esquadra anglo-franceza surgira na bahia de Besika em meiado de junho, faziam ver que a ameaça partira de S. Petersburgo, e não das potencias occidentaes.

O sultão limitou-se a publicar um protesto contra a invasão dos principados, e a enviar forças consideraveis para as margens do Danubio, pondo todas as praças em pé de guerra; depois do que mandou a Vienna, onde se achavam reunidos em conferencia para tratar da questão representantes de Inglaterra, França, Austria e Prussia, um projecto de nota, contendo todas as garantias, que julgava poder conceder aos seus subditos christãos sem quebra dos seus direitos e da sua dignidade.

Em quanto a conferencia de Vienna fazia esforços mais ou menos sinceros para trazer a um accôrdo as duas partes dissidentes, completava-se a occupação dos principados pelos exercitos russianos, estabelecia-se n'elles a auctoridade do czar plena e absoluta, e concentravam-se grandes massas de tropa sobre a margem esquerda do Danubio.

No principio de outubro appareceu um manifesto do sultão com a declaração de guerra á Russia; e pouco tempo depois, frustrada mais uma tentativa de conciliação, e tendo-se recusado o imperador Nicolau a acceder á intimação que lhe fôra feita pela conferencia de Vienna para evacuar os principados, romperam as hostilidades entre o exercito turco, capitaneado por Omer pachá, e as tropas russianas, commandadas pelo principe Gortschakoff.

Ao mesmo tempo, porém, que troava o canhão sobre as margens do Danubio, e que os turcos colhiam louros nos campos d'Olténitza, rebentava a revolução nas provincias gregas do imperio ottomano. O movimento insurreccionario preparado d'antemão pelos agentes da Russia, agora por elles impellido, e pouco depois auxiliado, ainda que indirectamente, pelo rei Othão e seu governo, estendeu-se com rapidez do Epiro á Albania, e da Thessalia á Macedonia. Na propria capital da Turquia manifestou-se na população grega uma tal agitação, que infundiu no governo serios receios pela conservação da

tranquillidade, resolvendo-o a recorrer ao auxilio das duas potencias occidentaes. A esquadra anglo-franceza deixou então a bahia de Besika, passou os Dardanellos, e foi dar fundo em frente de Constantinopla, e em diversas paragens do Bosphoro.

A este passo seguiu-se de perto o rompimento de relações da Inglaterra e França com a Russia, e o tratado d'alliança offensiva e defensiva entre as duas primeiras, e a Turquia.

D'est'arte começou, e desde logo assumiu proporções mais colossaes a guerra do Oriente; e aqui terminarei a minha tarefa, pois que só me propuz a dar uma succinta idéa da origem e desenvolvimento da questão do Oriente, que serviu de pretexto a essa tremenda lucta, que ahí está travada.

Os successos da guerra, acompanhados mesmo das suas particularidades mais minuciosas, são geralmente conhecidos. Apregoa-os a imprensa por quasi todos os cantos da terra, e onde as suas vozes não penetram leva-os a tradição de boca em boca, pois que mais ou menos ninguem é indifferente a essa grande contenda. Porém a analyse dos factos em relação ás suas causas, e aos diversos interesses, que representam, ou que a elles se vem ligar; a apreciação philosophica dos acontecimentos relativamente á sua influencia no andamento e resultado da lucta, e nos progressos geraes da civilisação, constituem materia tão grave, que abrange tantas relações, que demanda tão grande desenvolvimento, que não é, sem duvida, para ser tratada dentro dos limites acanhados de um jornal, obrigado pelo seu programma á variedade de assumptos.

Entretanto não concluirei sem fazer algumas breves considerações, umas para resumir aqui idéas já consignadas em diversos logares d'este artigo, e do que o precedeu sobre os imperios bysantino e ottomano; e outras para consignar novas idéas, que aclarrem e fundamentem algumas opiniões, que n'este escripto expressei menos motivadas, e que são mais controversas.

A Russia aspira desde Pedro o grande ao dominio universal. A sua ambição, por mais excessiva que pareça, não é tão louca e infundada quanto á primeira vista se póde julgar. A sua grandeza e população; a immensidade dos seus recursos actuaes, e a vastidão dos ainda não explorados; a sua posição geographica, abraçando a Europa desde o Baltico até ao mar Negro, e estendendo longos braços pela Asia e pela America; a sua vizinhança com dous grandes imperios, um quasi chegado ao ultimo periodo da decadencia das nações, e vivendo já uma vida emprestada e facticia; outro composto de elementos heterogeneos, que ainda ha pouco romperam em lucta, e que a um forte impulso estranho poderão ser abalados, desunidos, e impellidos uns contra os outros, acabando por destruir a sua unidade; a sua forma de governo patriarchal, que accumula sobre uma só frente todo o poder temporal e espirital; o seu estado de civilisação appropriado a reunir em torno de uma vontade unica tantas nacionalidades differentes, e a dar a essa vontade toda a força de acção de que ha mister; a tendencia natural dos povos do norte para procurar vida mais commoda em climas menos asperos, e mais favorecidos da natureza; as antigas tradições da historia; as modernas conquistas dos ultimos czars; e finalmente a maneira por que tem sido posto em pratica com os mais felizes resultados o testamento de Pedro I, que traçou n'elle a seus successores as diversas veredas, por onde deviam conduzir o seu imperio nascente ao dominio

universal, todas estas circumstancias, se não dão bom fundamento ás visões exageradas da ambição moscovita, auctorisam-as até certo ponto, ou pelo menos lhes servem de desculpa.

A Europa tem para oppôr a esta ambição desmesurada, é bem verdade, não só milhões de braços dispostos a defender a todo o transe a sua independencia, mas tambem os incalculaveis recursos, que lhe provêem do grande desenvolvimento da sua civilisação, ou seja em relação á intelligencia humana, ou relativamente aos espantosos progressos da industria. Ainda mais do que tudo isto tem para lhe oppôr a força colossal d'essas idéas regeneradoras, que são um effeito da actual civilisação, e simultaneamente um elemento do seu poder, e um poderoso instrumento dos seus progressos futuros.

Mas comtudo, por mais que estas condições de força venham pezar na balança dos destinos da Europa, não poderão obstar a que a lucta seja muito longa e porfiosa, e cheia de phases arriscadas para a prosperidade de muitos povos, para a solidez de alguns thronos, e para a independencia de muitos estados; porque n'essa guerra, que por ora se chama do Oriente, vae envolver-se o combate de vida ou morte dos dous principios politicos, que desde os fins do seculo passado pelejam encarniçadamente, conquistando ou defendendo o terreno palmo a palmo.

A questão por conseguinte tem proporções tão vastas, que contendem com todos os povos, e relações tão extensas que abrangem todos os interesses sociaes. É uma illusão presumir que n'ella só interessam as nações actualmente belligerantes, a Russia pelos seus projectos de conquista, a Turquia pela sua conservação, a França e a Inglaterra pelo desejo de humilharem e enfraquecerem uma rival, que ambas encontram a miudo erguida e opposta a muitas de suas pretensões; uma rival que as contraria muitas vezes no presente, e que as ameaça seriamente no futuro.

Illudem-se os que julgam que a Grã-Bretanha e a França são arrastadas para esta lucta por simples caprichos, ou tão sómente por uma querella de influencias, ou mesmo ainda só para conjurar os perigos, que a Russia faz correr á primeira nas suas possessões da India, e no seu grande celleiro dos principados danubianos; e á segunda na sua propria organização social. Seja qual for o grau de comprometimento dos seus interesses como grandes potencias, ambas estão naturalmente associadas á causa dos mais povos pela comunidade dos perigos, com que o engrandecimento e ambição da Russia ameaçam toda a Europa.

Deve-se convir, não ha duvida, em que a Inglaterra e a França têm concorrido poderosamente para o actual estado de cousas. A rapidez da decadencia da Turquia não é obra unicamente das intrigas e influencia russianas, nem tão sómente o effeito natural do correr dos seculos sobre a vida dos imperios. Essa decadencia tem sido abreviada por muitos erros politicos das duas potencias occidentaes, e pelo abuso da força, que a seu turno têm feito para com o enfraquecido imperio, que ambas têm humilhado e debilitado, todas as vezes que pretendem explorar na sua fraqueza e humilhação qualquer vantagem particular; e que tratam de suste e alentar, quando o vêem proximo a sumir-se sob as azas gigantescas da aguia moscovita.

Mas se isto é muito para a responsabilidade moral das duas nações do occidente ante a moderna civilisação, e perante a Europa, é, certamente, de pou-

co ou nenhum valor na presença da lucta que está travada, diante dos interesses que n'ella se vão empenhar, e em frente dos acontecimentos, que o futuro ainda guarda em si, mas que a intelligencia prevê.

A influencia que outr'ora exerceu no mundo a queda do imperio bysantino, apesar de toda a sua grandeza, não póde comparar-se com a que hoje exerceria a dissolução do imperio ottomano. Senhor de Constantinopla Mahomet II, toda a christandade tremeu ante o crescente musulmano; e se o poderoso imperio d'Allemanha, e com elle o resto da Europa foram salvos da espada do conquistador, deveram a salvação primeiro á inercia e erros de um general ottomano, e depois ao rasgo de generosa audacia de um rei da Polonia. E todavia Constantinopla era hoje elemento de muito maior força em poder de uma nação, que sem saír dos seus limites domina em tres das cinco partes do mundo, e que sem passar além dos mares, que lhe banham o solo, impera como senhora no Baltico, e no mar Negro, no mar d'Azof, no mar Branco, e no mar Caspio.

Esta guerra não é filha, póde dizer-se, de uma ambição individual como a muita gente parecerá: a ambição que a move tem muito maior vulto. O individuo que a personalisa é impellido, além dos seus proprios estímulos por toda uma nação já poderosissima, mas que se cre chamada a destinos ainda mais altos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez, e Valerio. — Mr. Pimping, e Kadé. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma seducção. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Pimping tomou uma colher de doce, encheu um caliz de aguardente que offereceu a Ondotó, e como este recusasse, bebeu-o elle, e em cima um copo d'agua: Valerio encheu um d'estes do licór tão querido dos papeis e grumetes, e emborcou-o nas guel-las, fazendo depois ouvir o *hé-hé* guttural com que festejam a fortaleza da bebida alcoolica.

Isto interrompeu a conversação, e Ondotó aproveitou a interrupção para despedir-se de Pimping com cordialidade; e tomando de sobre uma cadeira a seu lado os artigos de que tinha feito um pacotinho, as espingardas e os pannos, passou rapidamente, e com ar desdenhoso por diante de Valerio, fazendo-lhe uma ligeira inclinação de cabeça, desceu com precipitação a escada exterior, que conduzia a um pateo fechado, onde algumas negras descascavam arroz, e cochiam milho em pilões, passou por meio d'ellas, e saíu para a rua.

Valerio ergueu-se da cadeira, chegou-se a uma janella, que deitava para o pateo, e vendo que Ondotó nem olhava para traz, disse para dentro a Pimping, que se não tinha mechido da sua cadeira de balouço:

— Olha o gato bravo! Corre que nem um branco a fugir do tigre no matto... Não sei que mal fiz a este bruto indomavel, que mostra talvez sem querer tanto gosto de ver-me, como ás suas tripas!

— Elle sabe suas cousas. Olha, se elle não gosta de te ver não é pelo mal que lhe fiz.

— Já lh'as teria mostrado para me pagar de seu desprezo, que me *affronta* o coração, se não me lembrasse que preciso d'elle para levar por diante planos quasi tão velhos como eu, e a que tenho tama-

nho amor, como tenho a isto que aqui está, dizia elle batendo em si com as mãos abertas.

— Mas então o que é isso que esperas d'elle?

— É um segredo que nem a mim mesmo quero contar. Por em quanto não me sae do peito. As paredes tem ouvidos, e a *camisa é chocalheira*.

— Oh! pois não, meu prudente amigo! cuidas que não adivinhei já o teu segredo? lembra-te que fallas comigo, e que sou inglez. Estamos muito costumados a enganar para que nos possam enganar facilmente. Não me digas nada, que tambem te não quereria ouvir; mas fica na certeza de que o tal teu segredo ha muito já que o não é para mim.

Valerio estremeceu como se de repente lhe apparecesse um cavallo marinho; mas depressa tornou a si; e respondeu:

— Pensa o que quizeres, que tambem te não pergunto nada. E sabes porque? porque estou convencido de que *o homem não deve fallar senão para enganar mais facilmente os outros homens*.

— Bravo, Valerio! cada vez melhor. Pareces mesmo educado na Grã-Bretanha, e que tiveste por mestre a lord Castlereagh! Mas tornando a Ondotó; não sei que diabo fizeste á tua finura que ainda não pudeste domestical-o.

— Meu pobre Pimping, já te não lembras de que são os meus planos que tem feito a posição em que te achas com este selvagem, e que te deram a sua amizade?... Mas, olha que eu conheço-o por dentro e por fora. Nada conseguiremos d'elle, nem tu, nem eu, se não fizermos jogar outros machinismos. É um meio-christão, com suas idéas fradescas, todo enfro-nhado em honra, em moral e em justiça, que não poderás vencer se o quizeres levar só pelo engodo do interesse. Por ahi não fazes nada. Bichos quantos quizeres, mas o principal... o fino... tira d'ahi o sentido.

— *Goddam!* pois eu havia de perder uns poucos de centos de patacas que lhe dei por um ridiculo *of worms assortment*, que, deveras te digo, não sei o que fazer d'elle? é impossivel.

— *Redondo como um bótom*. É isso mesmo. Digo-to eu.

— A fallar a verdade não estava já sem meu susto assim que ainda agora vi a insensibilidade com que ouviu o que nós lhe diziamos, tal qual como se fosse um *hearer rock's*. Mas o que hei de fazer.

— Dar exercicio ao teu nome. Ser branco, ou ser balanta quem já o foi tanto tempo, isso que importa? Venham os fins, que os meios todos são bons. Se estás por isso, metto mãos á obra; se não, arranja-te lá como poderes, que eu com isso nada tenho.

— Temos por ahi alguma das tuas... realmente és um grande *knave*. Dou-te carta branca. Faze o que quizeres.

— Isso é que é responder bem. Deixa o negocio por minha conta.

Obtida assim auctorisação plena do vassallo de S. M. B. o rei George III, dirigiu-se Valerio á joven balanta:

— Viste este papel que acaba de saír d'aqui? Que te pareceu? Gostaste d'elle?

— Bi! que pergunta! Que me havia de parecer? Um homem como são todos.

— Muito bem respondido. Uma *dona-casa* não deve fallar d'outra maneira diante do senhor. Ouve-me, Kadé, podes ser sincera. Não era essa a resposta que nós esperavamos, porque bem sabes para que o meu amigo te metteu em sua casa. Bem conheci nos teus modos que gostaste de Ondotó. Mas já ago-

ra, quer gostasses quer não, para nós é o mesmo. Se gostaste, melhor para ti, senão gostaste, finge que sim, porque sempre o proveito é teu. Agora sabes o que nós queremos, e terás um par de patacas e um fio de coraes em paga. Estás contente?

—Nho Valerio tem cousas! *esse caza cá nhó ta-fla-me.*

—E porque não, ajuntou Pimping? receber por um modo ou receber por outro, tudo é receber. Pódes ir para dentro. Sabes o que de ti queremos, é quanto basta; se não...

A balanta safu d'ali saltando de contente; acabava de se lhe propor um negocio em que ganhava por dous lados. Ella considerava-lá comsigo que, embora os brancos dissessem que não, ha occasiões em que *honra e proveito* cabem n'um sacco, muito bem.

Já dei o retrato de Kadé, mas não a fiz ainda conhecida, o que não deixa de ser conveniente, quando para mais não fosse, para completar a descripção ou retrato moral de mr. Pimping, que tinha ficado incompleto, narrando ao mesmo tempo uma parte da vida íntima do maior numero de aventureiros que aqui vem residir, prejudicando tanto os interesses geraes de Portugal, como os particulares dos portuguezes que aqui residem.

Esta Kadé era o que são geralmente as mulheres balantas; dissoluta, esperta, sem vergonha, e uma ladra refinada, zelosa observante dos usos e tradições de sua tribu, vendia encantos seus e alheios, e se podia lançar a mão sobre alguma coisa dos compradores tomava-o por accrescimento ao preço da venda; e Pimping, não só fechava os olhos a isso, mas levava a sua attenciosa condescendencia até a convidar para sua casa os capitães e sobre cargas dos navios que iam carregar de *marfim preto*; com o que lucrava a sua meação na mercancia da balanta, mas por meio d'ella conseguia entrar nos segredos da especulação negreira, para os fins que já ficam ditos. A sua casa era pois uma feitoria d'especie ainda não conhecida antes d'elle, e que depois só raras vezes, e por mui pouco tempo se tem deixado ver: parecia esta casa o reino do balanta em miniatura.

Mas como se achava esta preta em casa d'um rigido sectario de Whittefield, e á testa do seu estabelecimento?

Kadé tinha tido, nos balantas, relações íntimas com um francez, commissario volante de uma casa de commercio de Goréa, que ao cabo de alguns mezes morreu desastadamente. Consta que elle possuia alguma coisa, mas nada appareceu, e suspeita-se que ella se constituiu sua herdeira forçada com grande sentimento do rei, que ainda o teve maior quando viu que não podia pôr as mãos na negrinha, que se passou a tempo para o reino de Antula, onde se deu por bajude entrando ella mesma em casa de uma mestra. Foi aqui que B... negociante portuguez d'esta povoação, já morto ha annos, a viu e pediu-a para amarrar panho; mas como no dia do exame se queixou de ter sido enganado, e as queixas se provaram justas, foi a sr.^a Kadé mui bem surrada, segundo as leis pretas, até confessar a sua falta, e declarar o cumplice.

A negrinha disse tudo com pressa de que acabasse o tão doloroso interrogatorio que lhe faziam; e em consequencia cessou este, mas foi expulsa da casa de B... e este quite dos presentes e mais obrigações do ajuste que tinha feito com ella, que por sua parte foi obrigada a trazer panho d'ali em diante, e ao mesmo tempo declarada livre, e com o pleno direito de dispor de si como quizesse.

Depois d'este acontecimento passou-se Kadé para Bandim, d'onde vinha frequentes vezes a Bissau para fazer os seus negocios. N'uma d'estas occasiões encontrou Pimping, que a levou a sua casa, e desde então ficou frequentando muito o inglez.

Pimping conheceu pelo trato e convivencia com ella as qualidades que possuia, e de que elle podia tirar muito partido; isto, e talvez as relações de parentesco entre os balantas, por meio das quaes podia mui facilmente abrir um commercio de sal, e por meio d'este fazer boas transacções em Geba, o levaram a lançar mão d'ella. Com effeito, eram apenas passadas poucas semanas, e Kadé estava de portas adentro com mr. Pimping, e o que mais é, dirigindo e governando a sua casa. Com que condições se fez este pacto, é facil de adivinhal-o ao ver-se o que ambos faziam, e que fica dito. O inglez não se achou mal com isso; ficou rico, embora infamado.

Mas o que lhe importava a elle uma reprovação, que considerava *fossil e anachronica*? A balanta servia-lhe de chamariz; as suas travessuras, por mais de uma fôrma, eram-lhe fonte de rendimentos; o mais que importava? não valia a pena de fallar-se n'isso. E quando lhe constava que se faziam d'elle más ausencias, respondia: «É a inveja de não poderem fazer o mesmo, que os faz fallar. Tomaram elles uma Kadé, que ainda haviam de fazer mais que eu.»

Volto agora á historia de Anna de Santa.

Os dous interlocutores ficaram ainda calados alguns minutos, a olhar um para o outro. No pateo cessára tambem o som cadenciado dos paus que caíam no pilão em tempos alternados e successivos, e todas as negras alvoroçadas tinham largado o seu trabalho para virem fazer roda a Kadé, que posta no meio d'ellas, lhes fallava baixo, mas com voz animada. O que lhes dizia não se podia ouvir; e aquelles rostos africanos, costumados pelo terror á dissimulação, e comprimidos tanto pela acção reverberada, como pela immediata de um sol ardente, e borbulhando agua por todos os póros, exprimiam com a curiosidade tantos sentimentos diversos e até contradictorios, que só pelo jogo tão mobil de suas feições não se podia adivinhar coisa alguma do que n'ellas se passava.

Na sala, o silencio era completo, podia ouvir-se voar uma mosca.

O que occupava o pensamento d'estes dous homens, a quem reunia a identidade dos genios e da moral, a quem dividia um mesmo interesse egoista; e que, parecendo amigos, se aborreciam o mais cordialmente que lhes era possivel? Não sei; mas não podia ser coisa boa. Por um phenomeno psychologico de impossivel explicação, mas que se dá mui frequentemente para que possa entrar em duvida; o que cada um estava pensando comsigo mesmo tinha uma ligação tão íntima com o que occupava a alma do outro, que ambos se respondiam em voz baixa, e completavam mutuamente o pensamento.

Valerio é que rompeu o silencio, dirigindo-se a mr. Pimping. Quem o ouvisse diria que suas palavras continuavam, em voz alta, a formula de uma idéa que tinha desabrochado, e se desenvolvêra interiormente.

—Deves de estar contente, meu Pimping. Tiveste Ondotó em tua casa, aqui; ganhaste sua confiança, e provavelmente contas que mais dia menos dia vir-te-ha *pedir terra* (1).

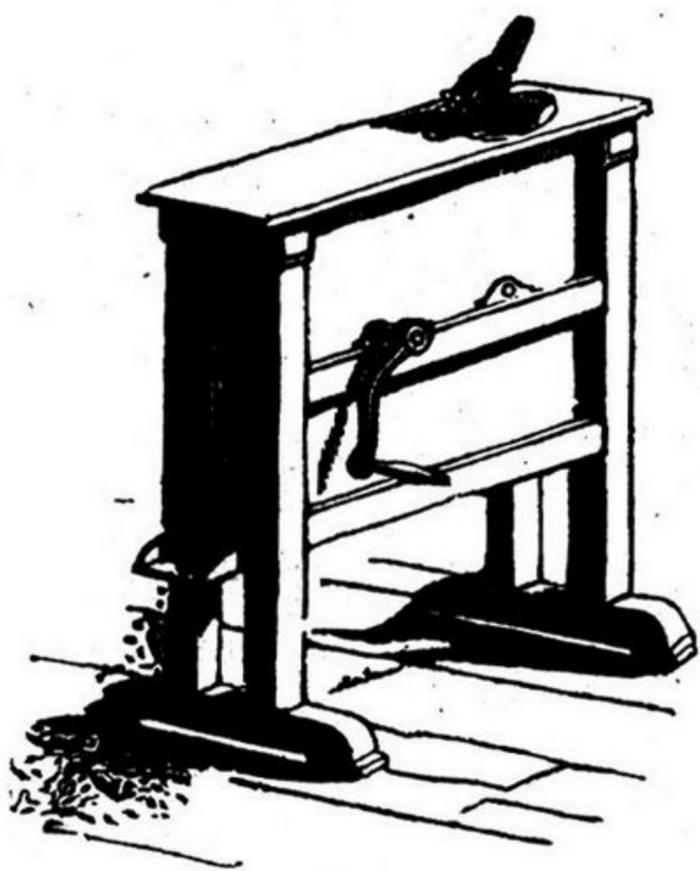
(1) Expressão papel, que importa o mesmo que *humilhar-se*, accitar todas as condições por duras que sejam.

—E porque não? Olha, tu deixaste-te cegar pela aversão que tens ao pobre preto, e até já me tem lembrado que ha um luxo de finura na conspiração que preparas contra elle, e em que queres por força que represente um papel a minha *kept-woman*. N'uma palavra, parece-me que já estás muito *weakened* para conduzir uma intriga *double faced*. Senão diz-me, responde-me á pergunta que já te fiz; porque não tens podido angariar a amizade d'este rapaz que é teu meio-compatriota?

—Provavelmente porque não quero. «Terra e aguardente cada qual toma a que póde comprar.» Assim é a presumpção; toma a que quizeres, tens bem com que pagal-a. Estou velho, estou tonto, é isso o que queres dizer com a tua sem-ceremonia e soberba britannica; mas isso é só ha poucas semanas para cá, não é assim?...

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



DEBULHADOR MECHANICO.

Differentes machinas e instrumentos se tem inventado para effectuar de um modo rapido e economico a debulha do milho. Em Portugal este trabalho effectua-se de ordinario por meio de um mangoal ou malho. Quanto seja imperfeito, dispendioso e demorado semelhante processo comprehende-se perfeitamente sem ser necessario demonstral-o. Todavia os nossos lavradores não se resolvem a abandonar o antigo systema; e talvez que a repugnancia que patenteam claramente em adoptar os processos agricolas lá fóra recebidos com grande acceitação, provenha, assim da falta de um estabelecimento em que se experimentem as novas machinas com que a industria está constantemente dotando a agricultura, como da carestia, e difficuldade de obter alguma d'essas machinas.

A que a nossa gravura representa nem é difficil de alcançar, attenta a frequencia de communicações entre Portugal e França, podendo até construir-se no nosso paiz; nem é cara, absolutamente fallando, porque o seu custo não excederá de dezouto a vinte mil réis da nossa moeda.

O debulhador mechanico, de que damos o dese-

nho, foi inventado por mr. Hallié, fabricante em Bordeus, que mereceu por elle uma medalha de prata, na exposição regional de 1854. É de forma mui singela: interiormente tem collocados dous discos de ferro, guarnecido um d'elles de puas, e girando em sentido opposto; para se pôrem em movimento emprega-se uma pequena manivella. As maçarocas introduzem-se pela parte superior do aparelho, por uma abertura ali praticada, como se póde observar na estampa.

Um rapaz ou uma mulher bastam para dar movimento á machina; outra mulher ou rapaz deve de estar continuamente introduzindo no recipiente superior as maçarocas de milho previamente descamiçadas. O debulhador mechanico póde debulhar por dia até tres alqueires de milho.

O QUE É A ALMA.

Já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digam e que nos confessem o que é a alma. Quereis ver o que é uma alma? Olhae para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles, escriptos humanos e divinos, que admiramos, e excedem a admiração; tudo isto era a alma.

Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos, e machinas bellicas, o valor, a bizzarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é d'um principe, a magestade, o dominio, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa. De quem eram governadas e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas; os extasis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspenso no ar; que maravilha! Mas isto é alma.

Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem ó que ella é. Uma cobiça que nunca se farta, uma ambição, que sempre aspira, um desejo, que nunca aquieta, uma capacidade, que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatada, e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de cór, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão alma?